

MÃES LUTADORAS

Sertanista reflete modo indígena de criação

Parteira no Xingu, Marina exalta a vida natural e a liberdade como receitas de vida

LUCIANA GARBIN

Em 1960, a enfermeira Marina Villas-Bôas salvou a vida de um bebê, por meio de respiração boca-a-boca, na Reserva Indígena do Xingu. A criança tinha nascido com o cordão umbilical enrolado no pescoço.

Há um ano, um fotógrafo viajou para o Xingu a trabalho e um índio indagou sobre Marina. O rapaz pediu para tirar uma foto sua em companhia da mulher e do filho e entregar para a enfermeira. Marina chorou de emoção ao ver o retrato e saber de quem se tratava: era o menino que ela salvara há quase 30 anos.

Mas esse não foi o único parto que Marina fez na selva. Mulher do sertanista Orlando Villas-Bôas, nos 14 anos que viveu no Xingu acompanhou o nascimento de crianças em barcos, malocas e até no meio do mato. Também fez pequenas cirurgias, suturas, transfusões de sangue e extrações de dente. Hoje, vive tranquilamente na City Lapa, com o marido e os dois filhos. Só que ainda sonha em viver na mata e guarda belas histórias da experiência com as mães índias.

Apesar de parteira requisitada no Xingu, teve os dois filhos na cidade. "Queria que fosse lá, mas tive de vir para cá e fazer cesariana." O contato, porém, a fez concluir que mãe é mãe em qualquer língua. Apenas a gravidez da mulher índia e o tratamento que dá aos filhos ocorrem diferentemente.

De acordo com Marina, quando engravidada, a índia mantém as tarefas cotidianas: viaja, anda de barco, vai para a roça trabalhar e carrega lenha. "É tudo mais natural", afirma. "Nunca vi índia grávida com enjôo ou desejo e eu, por sorte ou influência, também não tive."

Carrinho de bebê - Logo depois de dar à luz o primeiro filho, hoje um advogado e historiador de 27 anos, Marina voltou para o Xingu. Até a idade de ir para a escola, o garoto foi criado como índio, brincava entre os curumins e andava com penas na cabeça. Quando começou a falar, misturava os idiomas. Em relação aos indígenas, ganhou de diferente um carrinho de bebê.

Aos 4 anos, a mãe concluiu que era melhor deixar o filho escolher seu futuro. "As sociedades branca e índia são muito diferentes", diz. "Mesmo assim, procurei passar alguns traços indígenas que achei importantes."

Marina explica a diferença da educação dada pelas mães das aldeias. "Lá, os pais dão total liberdade



Acima, Marina, que manteve os motivos indígenas na decoração e dá conselhos a partir da experiência na selva: "A mãe tem de ensinar o filho a viver com pouco (apenas com o fundamental), além de orientá-lo a amar a natureza; amando a natureza, ele nunca será violento." Ao lado, o casal com os filhos: vivência em duas culturas



de para a criança e a tratam de igual para igual, com todo o respeito", relata. "Muitas brancas acabam superprotegendo os filhos, cobrando-os demais e cerceando a liberdade."

As índias também não desgrudam do filho para nada. "Mesmo ao entrar no rio, levam o filho amarrado no corpo, tapam o nariz dele e fazem com que mergulhe."

Quando nasceu o segundo filho, estudante hoje com 23 anos, Marina já dividia seu tempo entre a cidade e a selva. Desde 1987, mora na City Lapa. "Aqui é gostoso, tranquilo, com muito verde e barulho de passarinhos."

Todo mês, o marido, Orlando, põe 45 quilos de quirera, alpiste e arroz para os pássaros. Aparece de tudo no quintal da família, desde rolinhas até bem-te-vis. Os Villas-Bôas ainda cuidam do cachorro Waurá (nome de uma tribo) e da tartaruga Tatá. A decoração da residência destaca motivos indígenas.

Saudade - Tudo isso ajuda, mas não consegue eliminar a saudade do Xingu. "Penso 24 horas em voltar a viver lá", diz ela. Quando fica triste, a enfermeira lembra a época que nadava num rio de águas claras que passava atrás de sua casa na reserva. "Quem teve uma experiência de vida dessas não deve ficar ficado deprimido; vejo que valeu tudo o que fiz e tudo o que vier a partir de agora é lambuja."

Nascida em Borborema, Marina veio para São Paulo aos 6 anos. Conheceu o sertanista Orlando quando trabalhava num consultório médico como enfermeira. "Ficamos amigos, mas ele passava muito tempo nas aldeias e fiquei seis anos sem vê-lo." Em 1961, surgiu o convite de um médico amigo para trabalhar no Xingu. Aos 25 anos, embarcou no avião. Planejava ficar uma semana entre os índios, mas acabou permanecendo por vários anos. Aos 32 anos, casou-se.

Ela revela que às vezes sentia falta da civilização, de cinemas, música e lazer, porém se adaptou bem à natureza. O único contato que mantinha com os brancos era por meio de um avião da Força Aérea Brasileira (FAB), que aparecia uma vez por semana. Os irmãos Orlando, Cláudio e Leonardo Villas-Bôas foram os primeiros a fazer contato com os nativos da região, ainda na década de 40.

Conselhos - Apesar de morar em São Paulo, Marina volta regularmente ao Xingu. A última vez foi em julho do ano passado, na festa do Quarup.

Enquanto não se estabelece em definitivo na floresta, dá conselhos. "A mãe tem de ensinar o filho a viver com pouco (apenas com o fundamental), além de orientá-lo a amar a natureza; amando a natureza, ele nunca será violento."